

# NOESIS

Notícias da Educação



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

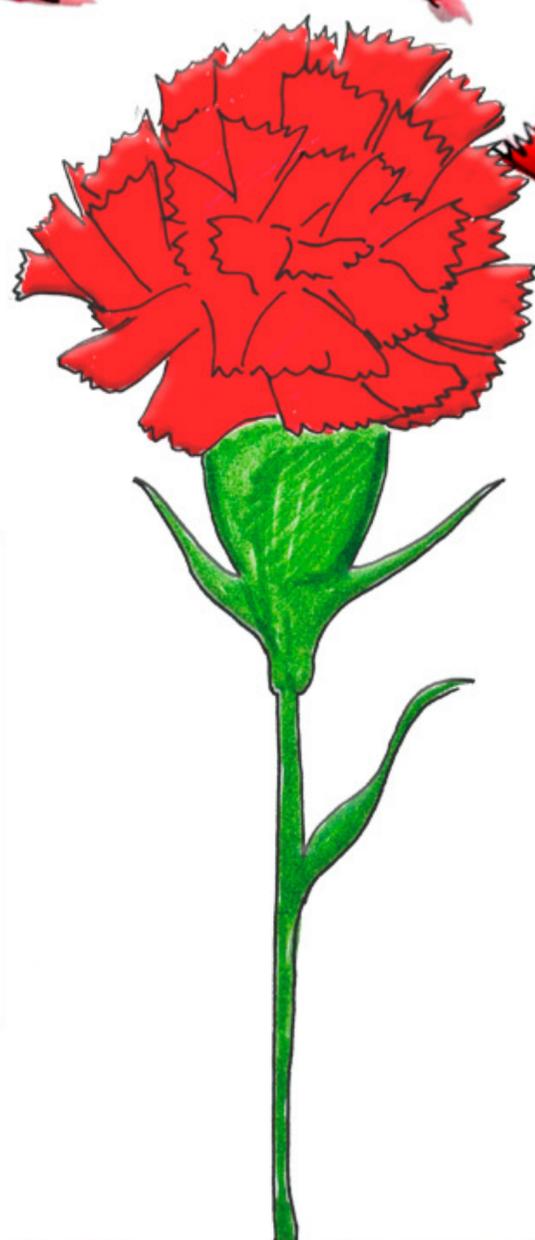
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA  
E INOVAÇÃO



direção-geral  
educação



noesis



# NOTA DE ABERTURA

A celebração dos 50 anos do 25 de Abril é um marco histórico que nos convida a refletir sobre o valor inestimável da liberdade. Neste momento de comemoração, é essencial não apenas recordar, mas também reafirmar o legado de coragem e determinação deixado pelas gerações dos nossos pais e avós que lutaram, incansavelmente, por um Portugal livre e democrático.

Em homenagem a escritores e artistas portugueses que tanto contribuíram para a construção da nossa identidade cultural, dedicamos um espaço para engrandecer obras que imortalizam o 25 de Abril de 1974, que permitiu restituir a LIBERDADE e os direitos legítimos ao povo português.

Nesta edição especial, mergulhamos na simbologia poderosa de uma FLOR que se tornou o ícone desta luta pela liberdade: o CRAVO. Explora-se, ao longo do boletim, não apenas a sua beleza visual, mas também a profundidade do seu simbolismo, que atravessa gerações e fronteiras. O cravo, com a sua cor vibrante, alimenta a FORÇA e, com as suas pétalas delicadas, sugere o respeito pelo outro. Foi, é e será muito mais do que uma simples flor. É um símbolo de RESISTÊNCIA, ESPERANÇA E RENOVAÇÃO.

Assim como o cravo floresceu nas espingardas e nas lapelas dos que se ergueram pela liberdade, também floresce nas páginas deste boletim, unindo cada artigo, cada ilustração e cada pensamento numa narrativa coesa e inspiradora.

É, de facto, através do CRAVO que se encontra a coesão gráfica que dá vida a esta edição, transmitindo visualmente a essência da LIBERDADE.

Está presente na maioria dos trabalhos artísticos, nas reflexões e testemunhos recolhidos, implícita e/ou explicitamente. A criatividade e o espírito empreendedor dos alunos da AEGO estão, sem dúvida, presentes nas suas palavras e traços pincelados.

Os alunos foram desafiados a unir o poder simbólico do CRAVO ao simbolismo do LOGO da Revista LIGA-T, cujo "L" se relaciona com o da palavra Liberdade e com o seu respetivo valor semântico. Tal surge graficamente trabalhado tanto na capa, como na última página, espaço aberto à comunidade nacional, através do *link* para um *Forms* que pretende desafiar as escolas de todo o país a participarem nas atividades propostas. É uma iniciativa que celebra não só a liberdade e os valores democráticos, mas também a sustentabilidade.

A equipa LIGA-T deseja que este contributo não seja apenas um simples registo histórico, mas um hino à LIBERDADE, CRIATIVIDADE E ESPÍRITO COLABORATIVO, que inspire um futuro mais justo e igualitário.



MOESIS

liberdade

Agrupamento de Escolas Garcia de Orta

# MURAL

## ANDORINHAS & ARTISTAS PORTUGUESES, O GPS DA LIBERDADE

As Andorinhas guiam os olhos até aos cartazes de artistas conceituados que CANTAM O 25 de Abril; deixam as suas ideias voar no corredor que une a Galeria Mostra e o Auditório da Biblioteca Garcia de Orta, onde podemos apreciar o MURAL 25.

Ao longo do mês de abril, a ida à Biblioteca Garcia de Orta, à Mostra ou ao Auditório, passou a ter um ponto de paragem obrigatória, o corredor que os une estes espaços.

Articulando saberes e competências, as disciplinas de História e Geografia do Secundário e de Educação Visual do 9.º ano, em estreita colaboração com a Biblioteca ESGO, deram asas à liberdade e construíram este caminho até ao MURAL 25, comemorativo do 25 de Abril.

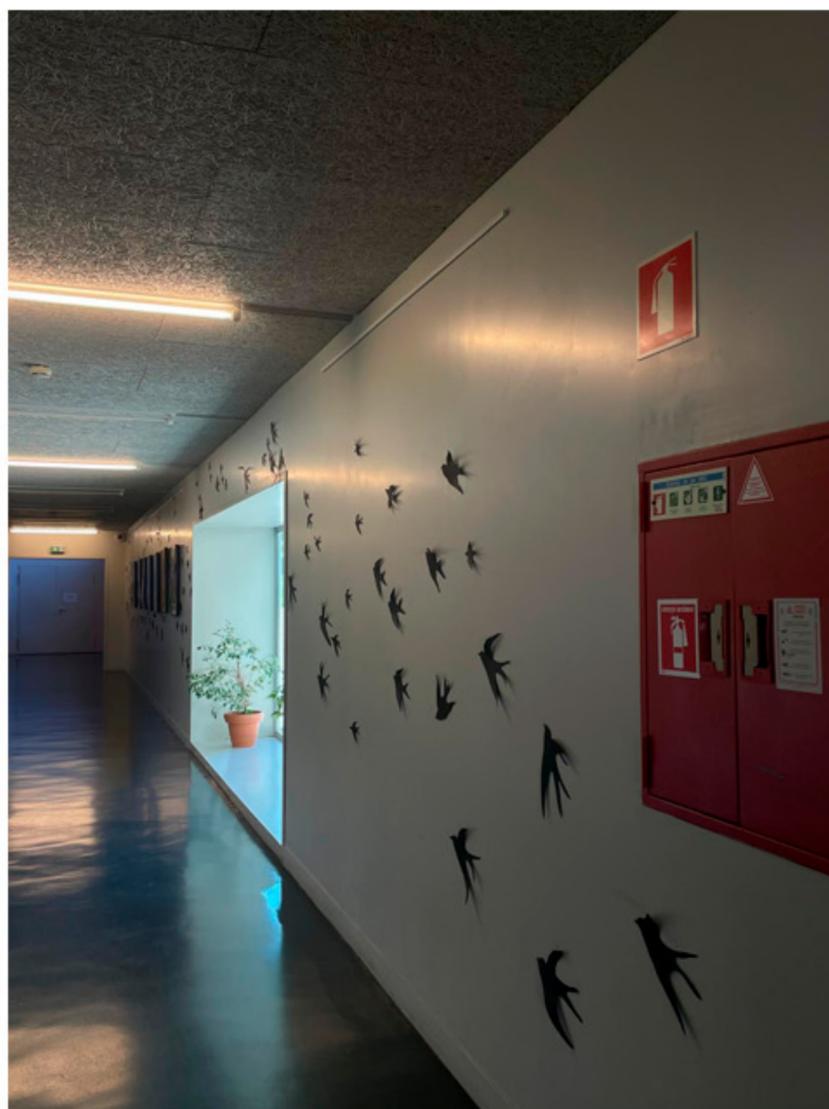
Alunos, professores, assistentes operacionais e ilustres palestrantes, ao serem guiados pelas Andorinhas, reviveram diferentes momentos deste momento histórico.

Cada autor dos cartazes que revestem o corredor central da BE ESGO captou a essência da revolução que aconteceu há cinco décadas. Cada cartaz, com sua estética única, faz-nos recuperar os acontecimentos que contribuíram para moldar a identidade do Portugal democrático e livre. É uma oportunidade única para cada membro da comunidade educativa se LIGAR à História do seu país de uma forma criativa. As imagens vívidas de uns e as palavras impressivas de outros evocavam os ideais de liberdade, democracia e esperança em que muitos se inspiraram, naquele período de transformação.

Além de proporcionar uma oportunidade de reflexão sobre o presente, a exposição reforçou a importância da arte na compreensão do passado. Quando entramos no auditório, à direita, surge o MURAL 25, constituído por frase da autoria dos alunos do 11.ºI e por um painel de cravos, alusivo à efeméride, produzido por alunos do 9.ºK.

Estas iniciativas traduzem o compromisso do AEGO em proporcionar aos seus alunos uma educação enriquecedora e significativa, que vai para além da sala de aula e os inspira a serem cidadãos conscientes e interventivos.

Deixem-se guiar pelas andorinhas



# MURAL ANDORINHAS & ARTISTAS



# CARTAZES

## CARTAZES, UMA TRADIÇÃO QUE AGARRA MEMÓRIAS

Alunos de 9.º ano de História criam Cartazes Originais em Comemoração ao 50.º Aniversário do 25 de Abril



No âmbito das celebrações do 50.º aniversário do 25 de Abril de 1974, os alunos do 9.º ano da Escola Secundária Garcia de Orta aceitaram o desafio criativo e educativo de elaboração de cartazes comemorativos. Sob a orientação das professoras de História e Educação Visual, os estudantes proporcionaram a toda a comunidade e, agora acessível a todos os leitores NOESIS através deste boletim, uma exposição no polivalente da ESGO. A proposta visava não apenas celebrar este marco histórico da democracia em Portugal, mas também fomentar o desenvolvimento de competências essenciais para uma cidadania plena e consciente.

Durante as aulas, os alunos foram incentivados a explorar a sua sensibilidade estética e a criatividade, incorporando elementos históricos, sociais e culturais relacionados com o 25 de Abril. Através deste projeto, procurou-se não só transmitir conhecimento histórico, mas também promover reflexões sobre os valores democráticos, os direitos humanos e a importância do espírito cívico.

A professora de História expressou o seu entusiasmo com a iniciativa, destacando que a elaboração dos cartazes proporcionou uma valiosa oportunidade para os alunos expressarem as suas visões pessoais sobre este momento tão significativo na História de Portugal. Da mesma forma, a professora Graça Montenegro salientou a importância das atividades extracurriculares, previstas no Plano Nacional das Artes e Projeto Cultural da Escola do AEGO, por serem um dos meios para estimular o pensamento crítico e a expressão artística dos estudantes.

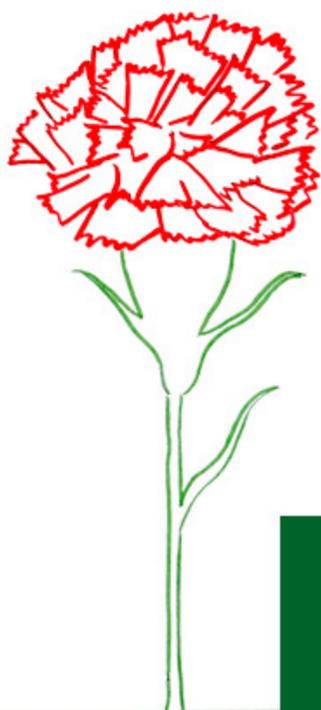
As expectativas foram alcançadas, observando-se o empenho e o entusiasmo dos alunos no processo de criação, assim como na fase da fruição de toda a comunidade.

Mais do que uma simples Mostra de trabalhos, esta iniciativa representa um compromisso com a Educação para a Cidadania, preparando os alunos para serem cidadãos responsáveis, pensantes e ativos na sociedade do século XXI.

Esta celebração do 50.º aniversário do 25 de Abril é muito mais do que uma simples homenagem histórica, constitui a oportunidade para refletir sobre o valor inalienável da liberdade e da democracia, bem como sobre o papel fundamental da educação na construção de um futuro mais justo e inclusivo para todos os cidadãos.



NOESIS



# A ARTE DA REVOLUÇÃO



Poema de José Niza acorda a Arte da Revolução

Alunos de Artes ilustram poema icónico da Revolução do 25 de Abril



# “E DEPOIS DO ADEUS”

No âmbito das comemorações dos 50 anos da Revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal, os alunos do 12.ºI, participaram, com as suas produções artísticas, na exposição que se espalha pela Escola Secundária Garcia de Orta, encantando todos com uma abordagem criativa e inspiradora. A letra da icónica música *E Depois Do Adeus*, escrita por José Niza e eternizada na voz de Paulo de Carvalho, serviu como ponto de partida para uma série de ilustrações expostas nas paredes envidraçadas do Polivalente.

Estes trabalhos criativos e interventivos tiveram como objetivo utilizar a ilustração de forma autónoma e intencional para comunicar ideias, temas, conceitos e ambientes presentes na poesia de José Niza. Cada estrofe do poema foi interpretada, visualmente, por grupos de jovens artistas GO, utilizando uma variedade de instrumentos, materiais e suportes, desde folhas de desenho até papel contínuo de cenário, grafites, canetas, tintas e colagens.

Uma das características que destacamos, nesta exposição, é a integração de um QRCode que permite aceder rapidamente à música, *E Depois Do Adeus*, diretamente, no local da exposição, enquanto observam e apreciam cada pormenor, cada traço.

Esta abordagem interativa proporciona uma experiência multissensorial, conectando a arte visual à música que desempenhou um papel tão importante na História de Portugal.

Além disso, o trabalho dos nossos artistas não se limitou apenas à representação visual do poema, mas também envolveu uma profunda reflexão sobre a relação entre os elementos visuais e os conceitos transmitidos pelo texto. As pesquisas realizadas para garantir que cada ilustração transmitisse a essência das estrofes de forma autêntica e impactante foi crucial para o resultado que agarra o olhar, desencadeia memórias e reflexões.

Estas obras de arte são uma oportunidade não apenas de apreciar a diversidade dos modos de expressão artística, mas também de refletir sobre o papel da arte na construção da identidade cultural e na representação de momentos históricos significativos.

Esta série de ilustrações convida todos a mergulharem na rica tapeçaria de imagens e sons que celebram os ideais de liberdade e democracia que marcaram a Revolução dos Cravos.

“ *E DEPOIS DO ADEUS*” de José Niza:

*Quis saber quem sou*

*O que faço aqui*

*Quem me abandonou*

*De quem me esqueci*

*Perguntei por mim*

*Quis saber de nós*

*Mas o mar*

*Não me traz*

*Tua voz.*

*Em silêncio, amor*

*Em tristeza e fim*

*Eu te sinto, em flor*

*Eu te sofro, em mim*

*Eu te lembro, assim*

*Partir é morrer*

*Como amar*

*É ganhar*

*E perder.*

*Tu vieste em flor*

*Eu te desfolhei*

*Tu te deste em amor*

*Eu nada te dei*

*Em teu corpo, amor*

*Eu adormeci*

*Morri nele*

*E ao morrer*

*Renasci.*

*E depois do amor*

*E depois de nós*

*O dizer adeus, o ficarmos sós*

*Teu lugar a mais, tua ausência em mim*

*Tua paz que perdi*

*Minha dor que aprendi*

*de novo vieste em flor*

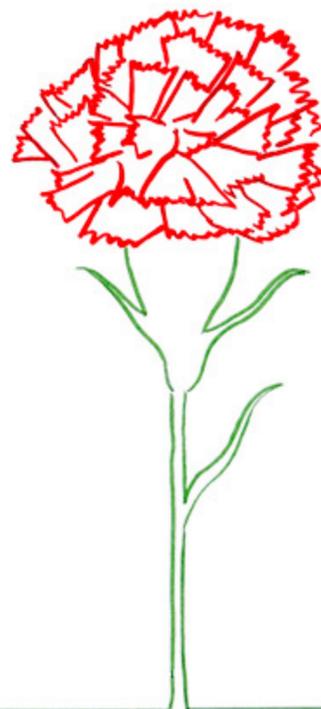
*Te desfolhei...*

*E depois do amor e depois de nós*

*O adeus*

*O ficarmos sós*

MOESIS



# CRAVOS

A atividade de “Comemoração de Meio Século Sem Ditadura” foi realizada com alunos do 3.º ciclo da ESGO, no âmbito da disciplina de Educação Visual.

Os trabalhos iniciaram-se com a análise da história da D. Celeste Caeiro, também conhecida por Celeste dos cravos.

A D. Celeste trabalhava num restaurante chamado "Sir", na Rua Braamcamp, em Lisboa. O restaurante comemorava um ano de abertura, no dia da revolução. A gerência planeava oferecer flores às senhoras clientes, e um Porto aos cavalheiros. Nesse dia, como decorria o golpe de estado, o restaurante não abriu. A gerente disse aos funcionários para voltarem para casa e deu-lhes os cravos para levarem consigo, já que não os poderia distribuir pelas clientes. Cada funcionário levou um molho de cravos vermelhos e brancos que se encontravam no armazém.

Ao regressar a casa, a D. Celeste passou no Chiado e deparou-se com os tanques dos revolucionários. Ao se aproximar de um dos tanques, perguntou o que se passava, ao que um soldado lhe respondeu "Nós vamos para o Carmo para deter o Marcello Caetano. Isto é uma revolução!". O soldado pediu-lhe um cigarro, mas Celeste não tinha nenhum. A D. Celeste queria comprar-lhes qualquer coisa para comer, mas as lojas estavam todas fechadas. Assim, deu-lhes as únicas coisas que tinha para oferecer, os molhos de cravos, dizendo "Se quiser tome, um cravo oferece-se a qualquer pessoa". O soldado aceitou e pôs a flor no cano da espingarda. Celeste foi dando cravos aos soldados que ia encontrando sem nunca imaginar que estava a contribuir com um gesto que ia ficar para sempre na História.

Deste seu gesto simples nasceu um dos símbolos mais fortes da revolução.

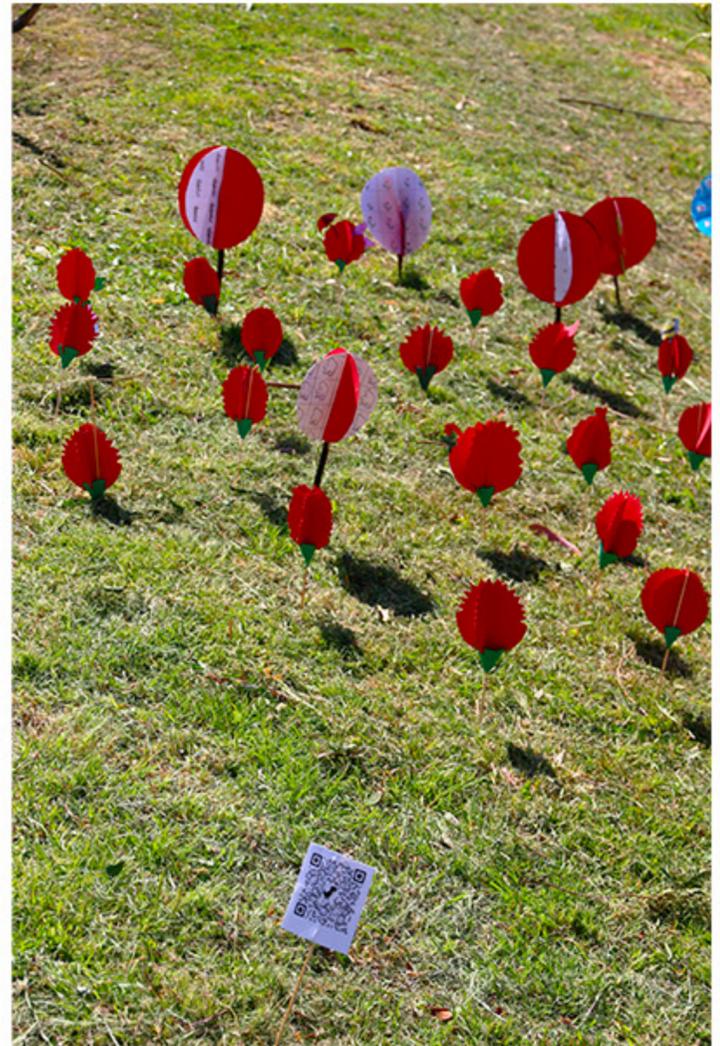
Os cravos são hoje o símbolo do dia 25 de Abril de 1974, o Dia da Liberdade, estão sempre presentes no imaginário visual da data e são também alusivos a uma revolução que ficou conhecida pela ausência de sangue na sua operação: a Revolução dos Cravos.

Os alunos executaram cravos em cartolina, intervindo neles com imagens ou frases alusivas à revolução ou à natureza.

No dia 23 de abril, os alunos realizaram uma intervenção de “LandArt” ao “plantarem” os seus cravos no relvado junto da entrada principal da ESGO, pois o espaço natural exterior da escola foi o suporte artístico dos seus trabalhos.

Além disso, colocaram, no átrio principal da escola, um cesto com um molho de cravos também realizados por eles, símbolo de um gesto de defesa da liberdade.

Esta intervenção artística é uma forma de se preservar e honrar a memória da revolução, assim como das pessoas comuns que nela intervieram.



Fotos: Agostinho Moreira

# ARTIGO DE OPINIÃO

A liberdade constitui o pilar da vida numa sociedade democrática, contribuindo para o seu desenvolvimento e criando, desta forma, as condições para a realização plena do indivíduo. No passado, em Portugal, muitos tiveram de lutar e sofreram para que, hoje, possa ser vivida e sentida, dia a dia, como traço intrínseco do povo e de cada um. Contudo, apesar dos 50 anos de Democracia no país, as crises políticas, a criminalidade, a corrupção, o consumismo desenfreado, a desinformação e o crescimento de ideologias de extrema-direita, nos últimos anos, deverão levar-nos a não a dar por garantida.

A Revolução do 25 de Abril de 1974 derrubou o regime fascista, retirando o país da opressão e dando início a um novo período histórico da sociedade portuguesa, com a restituição ao povo de direitos fundamentais, consagrados na Constituição da República Portuguesa aprovada em 1976, e impulsionando o progresso em várias áreas estruturantes.

Destaca-se, como ilustrativa da evolução da sociedade portuguesa democrática, a emancipação das mulheres e o acesso ao voto para todas, desde que maiores de idade, independentemente das suas habilitações académicas, condição social e situação profissional, sendo de referir, igualmente, como uma conquista de Abril significativa para este grupo social, a ocupação de funções socioprofissionais tradicionalmente atribuídas aos homens. Refira-se, ainda, que os últimos dados estatísticos apontam o Ambiente, a Educação e a Saúde como os setores que mais evoluíram graças ao ambiente democrático instaurado e que mais têm correspondido às expectativas dos cidadãos.

Dos princípios basilares da democracia, consignados neste documento essencial, consta o direito à liberdade de expressão, garantindo a participação ativa dos cidadãos na sociedade, através do debate aberto de ideias, da aceitação da diversidade de pensamento, da pluralidade partidária, da proliferação de diferentes movimentos sociais ou da escolha dos governantes por meio de eleições universais, livres e diretas, fomentando, ainda, os avanços científico-tecnológicos, graças à partilha do capital intelectual e da capacidade criativa de cada um visando o bem comum. Este é, claramente, um princípio que tem promovido a criatividade, a inovação e a diversidade social e que, como tal, é imperioso salvaguardar.

O Estado de Direito democrático é, além disso, inclusivo, integrador e solidário, mas também justo, ao promover a igualdade de oportunidades e de todos os cidadãos perante a lei, do mesmo modo que o respeito mútuo, mesmo que nem sempre postos em prática da melhor forma.

No artigo 1.º, pode ler-se que “Portugal é uma República soberana, baseada na dignidade da pessoa humana”, tendo por base uma sociedade livre, pelo que o indivíduo só pode ser digno numa comunidade em que a liberdade não lhe seja limitada. De facto, sem esta, o ser humano perde a capacidade de sonhar e de buscar um futuro melhor, de traçar o seu próprio caminho, de ter autodeterminação e independência no desenvolvimento dos seus talentos, de ter autonomia nas suas escolhas, mesmo que naturalmente condicionado pelas suas limitações pessoais, obrigações sociais e responsabilidades cívicas; de procurar a felicidade, a satisfação e a realização pessoal. Todavia, a liberdade individual, isto é, o direito que o indivíduo tem de proceder conforme lhe pareça melhor, não pode ir de encontro ao direito de outrem e deve inscrever-se nos limites da lei. Por sua vez, quando o indivíduo é livre para pensar, tomar decisões e agir de acordo com a sua própria vontade e consciência, a sociedade torna-se mais dinâmica e vibrante.

Em síntese, Portugal deve continuar a empenhar-se na construção de uma sociedade cada vez mais justa e solidária, fomentando a cooperação das instituições e dos cidadãos na proteção dos valores democráticos que a sustentam, sob pena de estes virem a ser derrubados e o país conduzido de volta ao passado. Por isso, sim, é preciso continuar a celebrar os ideais de Abril.

(Texto produzido com a colaboração dos alunos do 12H, na disciplina de português)



NOESIS

# Poesia e Liberdade

## A conversa... Entre nós e Pedro Lamares...

“Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem.” (Bertold Brecht)

O espetáculo “Entre nós e as palavras”, de Pedro Lamares, é um evento sempre aguardado com grande expectativa na nossa escola há já 10 anos. Sob a direção técnica e produção da Companhia Nacional de Espetáculos, realizou-se, desta feita, no passado dia 22 de abril, inserido na Semana da Leitura promovida pela Biblioteca Escolar e em articulação com as comemorações dos 50 anos da Revolução dos Cravos. Recuperando uma expressão repetida no poema de Mário Cesariny “You are welcome to Elsinore”, o alinhamento do recital, este ano, reforçou, claramente, a importância do ativismo do artista, porque, nas palavras deste poeta surrealista “ditas” por Pedro Lamares, “Entre nós e as palavras, os emparedados/e entre nós e as palavras, o nosso dever [é] falar”.

O *diseur* -ator assume-se como provocador, um artista que tem como missão sensibilizar para a importância do pensamento crítico na construção de uma sociedade mais justa e igual.

Desafiámo-lo a responder a algumas questões sobre a relação entre a arte, em geral, e a poesia, em particular, e a liberdade.

**AEGO (Agrupamento de Escolas Garcia de Orta):** Torna-se por de mais evidente que, na atualidade, o dinheiro e o consumismo fomentado pelo poder económico estão a desviar os cidadãos da cultura. Acredita, que, apesar disso, ainda podemos ver na poesia um “território de resistência”, nas palavras de Manuel Alegre? Partilha a convicção deste poeta de que, citando-o, “a linguagem poética não tem feito outra coisa senão transformar o homem e o mundo”? (palavras proferidas na cerimónia de entrega do Prémio Camões, em 2017).

Pedro Lamares: Sem dúvida! Sendo um otimista e utópico por natureza, penso que a poesia continua a ter essa força. Faço, no entanto, uma ressalva: não é só o dinheiro e o consumismo que afastam as pessoas da cultura, mas também, e em larga medida, o desinvestimento que tem vindo a ser feito na educação e na cultura, que, na minha opinião, são os grandes pilares civilizacionais. E não é por acaso! Na verdade, dá jeito ao poder financeiro que as pessoas se afastem da cultura e do pensamento crítico, e tal consegue-se não as educando, o que as torna permeáveis à desinformação e a todos os perigos que esta acarreta. É, portanto, fundamental pensar, sendo este o papel que eu assumo procurar nestes meus espetáculos: estimular o pensamento crítico, fomentar o diálogo democrático e a reflexão em torno de temas mais duros da nossa sociedade.

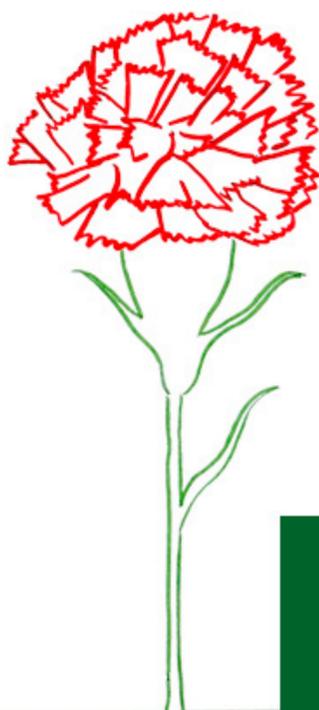
**AEGO:** Consideremos, agora, o caso específico de Portugal, em que muitos foram os poetas que usaram a poesia como “arma”, isto é, como instrumento de denúncia da opressão na vigência do regime salazarista. Considera que esta função político-social da poesia continua a fazer sentido no pós-25 de Abril?

Pedro Lamares: Sim, exatamente a mesma, com grande a diferença de já não ter de ser escrita no exílio, na clandestinidade ou com a preocupação de fintar a censura, de poder ser mais direta na escrita e eu a poder dizê-la numa escola pública sem ser preso e torturado por isso. O 25 de Abril foi o começo e não o final. Se lermos o preâmbulo da primeira versão da Constituição da República Portuguesa (aliás, um texto extremamente poético, de que foi coautora Sophia de Mello Breyner), constatamos que muito do que lá se diz ainda não se cumpriu, o que fica evidente na dramática desigualdade social, que é, apesar de tudo, um problema universal, e não só do nosso país. Citando Gabriel Celaya - “A poesia é uma arma carregada de futuro” -, sou da opinião de que a arte não é, em si, panfletária, mas também pode servir como força de combate, como diz Zé Mário Branco em “a cantiga é uma arma”, sobretudo agora que temos como 3.ª força política, no Parlamento, um partido que vem perfilhando ideologia e discurso xenófobo, racista, homofóbico e machista.

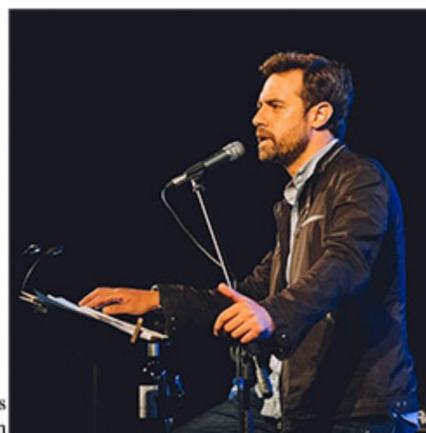
**AEGO:** No seu entender, será legítimo afirmar que as novas gerações de artistas/poetas entendem verdadeiramente o poder da liberdade e o peso da sua limitação? Conseguirão, através dos seus textos, passar a consciência político-social que sustenta o valor da liberdade?

Pedro Lamares: A arte tem de ser livre, não política. Isso é uma escolha de cada artista, embora acredite que é difícil um gesto em direção a um coletivo não ser um gesto político, no sentido mais lato. Claro que só posso falar por mim, não posso afirmar se todos os agentes culturais têm ou não essa consciência ou interesse na sua expressão artística, mas a arte continua a ser uma das ferramentas possíveis (e poderosas) para tal. Posso falar no meu caso e no valor que dou ao ativismo que escolhi exercer prioritariamente através do meu ofício. Refiro, ainda assim, que tenho a convicção de que alguns dos poetas que hoje trouxe aqui – Ana Luísa Amaral, Francisca Camelo, Filipa Leal ou Valter Hugo Mãe – são exemplo desta expressão poética que não é de todo indiferente ao seu contexto social. São poetas que nos levam a questionarmo-nos sobre a sociedade em que queremos viver e o que estamos dispostos a fazer por isso. Sophia escreveu que “Este é o meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo”. É esta a minha ferramenta para procurar intervir na sociedade em que vivo. E a vossa? É este o desafio que também eu vos lanço...

MOESIS



Pedro Lamares  
Foto: EGEAC Estelle Valente



Pedro Lamares  
Foto: Vitorino Coragem

# AGORA É A VOSSA VEZ DE DAR ASAS...

**FORMS**

**KAHOOT**

**MOESIS**

**Liberdade em Interação**